O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E A INCLUSÃO

LUIZ AUGUSTO TADEU GOMES

RESUMO

Interesso-me pelo tema porque ele tem a relevância de mostrar que a inclusão dos autistas é o movimento da sociedade voltado para produzir a igualdade de oportunidades para todos, quando focada sob o ângulo individual a inclusão, supõe que cada um tenha a oportunidade de fazer suas próprias escolhas e, em consequência, construir sua própria identidade pessoal e social. Analisar que contar com profissionais bem orientados e escolas abertas ao diálogo e às adaptações que se fazem necessárias ao aluno autista é fundamental. Quando o contrário ocorre, estudar torna-se sofrido e prejudicial à criança com algum transtorno ou deficiência. A luta é sempre para fazer com que isso não aconteça.

Palavras-chave: Autismo; Crianças; escola.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema autismo surgiu no período de estágio onde trabalhei com crianças com Necessidade Especiais, onde descobri que a inclusão não é simples e não se torna realidade apenas com a aprovação de uma lei. Por trás de uma discussão sobre matricular ou não crianças com necessidades especiais em escolas regulares, escondem-se a falta de conhecimento sobre o problema e as dificuldades que as instituições enfrentam para lidar com a diversidade como um todo.

O tema tem como objetivo entender quais as dificuldades que ele enfrenta, e o que falta para que o mesmo venha a ter uma assistência maior. O tema autismo nos deixa com muitas dúvidas sobre como acontece essa interação, pois sentimos que quando se tratar de uma criança autista assusta, e muitos professores qué dizem que não dariam conta que não saberiam lidar com elas.

A metodologia utilizada são pesquisas bibliográficas baseadas em autores que abordam o tema estudado, e também um estudo de caso observado por meios de práticas pedagógicas.

Mas sabemos que hoje existem políticas de direitos em favor daqueles que durante muito tempo foi excluído pela sociedade, como a Lei Federal 7.853/89 que garante à gratuidade de acesso a rede pública de ensino regular ao aluno portador de deficiência física ou mental, e prevê punição de um a quatro anos a quem negar ou cancelar matricular de qualquer aluno deficiente.

O AUTISMO NA HISTÓRIA

Os autistas eram conhecidos como esquizofrênicos que viviam acometidos ao isolamento social. É somente em 1911, que o psiquiatra austríaco Eugen Brauwler. Inicia estudo na área. Ele é o primeiro a utilizar a palavra "Autismo", que deriva do grego "Autos", que quer dizer: "Voltar-se para si mesmo". Essa palavra surgiu devido às suas observações com pessoas esquizofrênicas. Mais tarde foram surgindo novas pesquisas com crianças que desde o início de suas vidas já apresentavam isolamento extremo, tinham, portanto, traços diferenciados de outras crianças, pois não gostavam de 18 mudanças na sua rotina, repetiam as falas das pessoas, tinham preferências por objetos inanimados ao invés das pessoas, entre outras características.

De acordo com Orrú:

> Até 1989, dizia-se, estatisticamente, que a síndrome acometia crianças com idade a cada dez mil nascidas. Manifestava-se, majoritariamente, em indivíduos do sexo masculino, sendo a cada quatro casos confirmados três do sexo masculino e um caso para o feminino (ORRU, 2012, p.23)

Em 1983, aqui no Brasil, especificamente em São Paulo, no dia 08 de agosto foi fundada a Associação de Amigos do Autista (AMA), organizada por um grupo de pais na sua maioria com filhos com TEA, cujo objetivo era,

> "acolher, informar e capacitar famílias e profissionais" a entenderem e trabalhar com um papel social para ajudar todas as famílias que necessitam de apoio

Em 1984, a AMA realizou o "I Encontro de Amigos Autistas", reunindo médicos, familiares, profissionais e instituições que atendiam crianças com TEA. A partir desse grande exemplo dos pais da AMA, hoje no Brasil há outras instituições preocupadas com a inclusão do indivíduo com TEA na sociedade, com destaque para a Associação Brasileira de Autismo (ABRA) que têm como lema "a União faz a Força", todos na luta por direitos igualitários para as crianças com autismo.

AUTISMO E INCLUSÃO

No Brasil, a LDB 9394/96 Art. 58 e 59, em consonância, com Legislação Federal Art. 74, determina que a educação PNEE (Portadores de Necessidade Educacionais Espe-

ciais) deve se dar de preferência, na rede regular de ensino.

Sendo assim diante das necessidades especiais que uma criança autista demanda, se faz necessário estabelecer um trabalho juntos os educadores no sentido de identificar as reais carências educacionais para motivar à interação e a aprendizagem desse aluno, pois devemos levar em consideração que a inclusão escolar tem como objetivo inserir sem distinção todas as crianças.

Qualquer proposta de educação inclusiva para criança autista terá a finalidade de diminuir os preconceitos e evita o isolamento social, possibilitando dessa forma a aquisição de novas habilidades uma vez que um dos principais marcadores desse transtorno é a difícil interação social.

No estágio pude perceber que o espaço educacional, e a maneira como ele é recebido, favorece o surgimento das primeiras oportunidades para o desenvolvimento para as crianças com o transtorno do espectro do autismo. Neste ambiente em primeiro momento fora do convívio família que a criança terá a oportunidade para se recriar e assim chegar à aprendizagem, pois terão a possibilidade de serem mais estimulados através de atividades. Mas falta em algumas situações professores que faça a interação social com outros alunos com autismo possibilitando assim a aprendizagem, e eliminando a partir dessa interação comportamentos que por meio do mediador e dos colegas com os quais convive passa a adquirir um novo repertorio de ações mais significativas, porque devermos lembrar que uma das características singulares do autista é a dificuldade de interagir com outras pessoas. (ORRÚ, 2012, p. 130).

A partir da leitura do livro da ORRÚ, observa-se inúmeras explicações sobre o autismo uma das à abordagem foi sobre a lei que é fundamental à preparação e a capacitação do professor em plano nacional o trabalho heterogêneo e excludente da pessoa com necessidades especiais no ensino regular, medida essa que colabora com a educação nacional, exigindo melhor qualificação do professor para ministrar aulas. (ORRÚ, 2012, p. 49).

Passa-se a analisar de uma maneira ampla e chegar a uma conclusão que dentro das escolas ainda existe um despreparo muito grande de profissionais que ainda insiste em trabalhar com essas crianças de maneira individualista tornando essa situação cada vez mais agravante, porque quando trabalharmos com um processo de educação de um aluno com autismo encontrarmos inúmeras situações tornando se difícil abordá-las de maneira completa e por meio dessa observação percebi que há uma diferença entre o processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Quando o professor começa a trabalhar com o aluno autista deve ter respeito e está sempre disposta respeitar os seus limites, o professor deve buscar técnicas para desenvolver sua linguagem para que possa diferenciar objetos e assim construir ferramentas internas para integrar as informações que iram surgir no seu meio social e escolar. O professor deve trabalhar sempre com o aluno autista de forma diversificada tornando o seu desenvolvimento uma melhora de sua vivência emocional. Para que o ensino regular tenha mais preparo para receber essas crianças devermos lembrar que um dos papeis principais para esse ensino venha ter uma aceitação maior com esse aluno e o professor, ele é uma das peças-chaves para que esse quadro mude, com sua criatividade, desempenho e desenvolvimento o aluno autista fica mais fácil de ser inserido no ensino regular e desenvolve - se cada vez mais no meio social, tornando possível uma aceitação de maneira diferente.

O autista muitas vezes não se desenvolve por motivos como, falta de incentivo por parte da família ou muitas vezes a própria escolar que não aceita essa situação ou às vezes a escola não busca estratégicas para trabalhar com eles que muitos deles acham que se procurar evitar que o aluno cometa algum que lhe reforce o fracasso na atividade, em geral não se costuma dar incentivos verbais; evita-se dizer o aluno " o que você quer? O que aconteceu? Pegue a figurinha pois assim torna-se mais fácil para esse profissional o entendimento com essa criança isso são umas das situações que acontece no ensino regular que podermos observar, essas estratégicas infelizmente ainda são muito frequentes por isso estarmos procurando entender para que possamos identificar a principal dificuldade na interação do aluno portador de autismo.

Um transtorno complexo e que gera, entre outras coisas, comprometimentos na habilidade de comunicação e dificuldades do ponto de vista da interação social". "Estas são algumas características do autismo, um distúrbio ainda pouco conhecido pelos brasileiros", mas que, segundo o professor Cunha, Eugenio, doutorando e mestre em educação, professor, psicopedagogo e jornalista, traz dificuldades para o processo de aprendizado, em entrevista para o caderno de educação folha dirigida.

Que em fonte jornal o Dia Cunha (2013) diz "Um filho com necessidades especiais representa muito para a família. Representa cuidados, amor, educação e dedicação. Representa, ainda, grandes desafios, mas com grandes possibilidades de superação. Vê-se que, quanto mais a família é engajada nesse propósito, as possibilidades aparecem. Os avanços em distintos campos científicos têm trazido grandes contribuições para a comunicação, à aprendizagem escolar e a socialização".

Sendo assim Declaração de Salamanca afirma o direito a educação, e de que as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições, físicas, intelectuais, emocionais, linguística e outras, crianças com deficiência ou bem-dotadas, crianças que vivem nas ruas e que trabalham crianças de populações distantes ou nômades, crianças de minorias linguísticas étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas.

Segundo Pacievitch, 23 dez. (2009), em entrevista para revista Brasil escola, Declaração de Salamanca, "Aborda os Direitos humanos e a Declaração Mundial sobre a Educação para Todos e aponta os princípios de uma educação especial e de uma pedagogia centrada na criança. Em seguida apresenta propostas, direções e recomendações da Estrutura de Ação em Educação Especial, um novo pensar em educação especial, com orientações para ações em nível nacional e em níveis regionais e internacionais."

De acordo, (Mayor, Federico 1994, p. 210): "Acentua a necessidade de um método de ensino centrado na criança, visando o sucesso educativo de todas elas. A adoção de sistemas mais flexíveis e mais versáteis, capazes de melhor atender às diferentes necessidades das crianças, contribuirá quer para sucesso educativo, quer para a inclusão."

O autor ressalta que a escola terá que oferecer diferentes formas de apoio e utiliza-se de recursos técnicos, oportunidades curriculares a professores e alunos, e à escola deve se adaptar ao aluno e não o aluno a ela, sendo assim todos os alunos receberá a mesma educação, mas o professor terá que proporcionar assistência aos que mais necessitem. (Mayor, Federico 1994, p.22).

Neste sentido (Ramos, Rosana 2010 p.42), afirma que, "O preparo de todos os funcionários da escola é o que proporciona o êxito da inclusão", onde ela retrata um caso.

Segundo Ramos (2010), O preparo de todos os funcionários da escola é o que proporciona o êxito na inclusão. De nada adianta o professor se capacitado a desenvolver seu trabalho se aquele que estão no entorna não se apercebem do processo.

ESTUDO DE CASO

De acordo com ela a criança que possui transtorno mental, por exemplo, um autista, muita vez necessita de um olhar especial que perceba o modo dela interagir e aprender, então se faz necessário que o professor observe, porque essa criança vai aprender de modo diferenciado, pois o autista não consegue permanecer em ambientes fechados e geralmente vivem andando ou circulando sendo assim ela retrata um caso.

'Roberto, um menino de oito anos com diagnóstico de autismo, foi matriculado na EV no 2º ano do Ensino Fundamental. Ao longo de três meses, não permaneceu na sala de aula sequer por cinco minutos. Seus locais preferidos eram o parque, a janela das salas de outras classes e às vezes, a da sua. A professora, preocupada com essa questão, resolveu "provocar" Roberto. Certo dia, sem que ele notasse, saiu com os alunos da classe e foi realizar uma atividade nos fundos da escola. Em menos de cinco minutos, Roberto percebeu o ocorrido e começou a buscar os colegas. Ao encontrá-los, permaneceu com o grupo durante toda a atividade. A partir desse dia, a professora observou que se aproximou mais da classe, sempre atento para onde os colegas iam. Em uma visita ao zoológico Roberto tomou conta dos colegas que se afastavam do grupo, trazendo-os para perto da professora. Quando Roberto estava fora da sala, os funcionários, professores e alunos cooperavam, procurando conversa com ele, saber o que estava fazendo e etc. (Luana pires, professora da escola pública de SP, 2019).

Esse relato leva em consideração sempre as diferenças na aprendizagem do indivíduo, que tem como base uma Educação construtivista. Onde mostra que o deficiente não vai atrapalhar a aprendizagem dos outros, e sim ajudá-los a vivenciar uma nova experiência como ser humano solidário.

Entretanto Ramos (2010), disse já ter tido conhecimento de um caso em que funcionários e pessoas da equipe pedagógica que fizeram criticam a uma professora em situação semelhante ao descrito.

Em relação à questão da escola, especificamente a postura dos professores, podemos observar as mais diversas reações quando se trata de incluir, nas escolas, alunos com deficiência. O que vemos é que muitos profissionais compreendem essa nova perspectiva e desenvolvem com bastante facilidade o seu trabalho. Já outros apresentam uma série de barreiras, sobretudo com relação a não saber o que fazer com o aluno deficiente.

Mas para (RAMOS, 2012, p. 69). "Apesar de todas as informações disponíveis sobre a educação inclusiva, os professores ainda temem quando em sua classe é matriculado um aluno com deficiência."

Há também aqueles que alegam "a falta de estrutura" dos sistemas escolares, salas lotadas, espaços reduzidos, falta de assistência psicopedagógico, esses mesmos argumentos são utilizados quando são tratadas as questões do fracasso escolar, o que se observa, de fato, é que se de um lado estão profissionais que, nas mesmas condições, atendem a seus alunos de forma eficiente, do outro estão aqueles que ainda precisam ser sensibilizados para compreender – lós.

Tomando Vygotsky como referencial teórico para o trabalho com autistas, en-

tendermos que o processo ensino e aprendizagem desse aluno deve contemplar, necessariamente, uma criteriosa relação entre mediação pedagógica, cotidiano e formação de conceitos, possibilitando o confronto das experiências cotidianas no contexto em que elas ocorrem para a formação de conceitos, quer sejam acadêmicos ou não, em uma maior internalização consciente do que está sendo vivenciado e concebido. Como agente de mediações, o professor deve explorar sua sensibilidade, a fim de perceber quais são os significados construídos por seus alunos com referências aos conceitos que estão sendo formados, quer sejam conceitos mais elementares ou complexos. Vygotsky, (2000) por meio de sua investigação afirma que a experiência pedagógica nos ensina que o ensino direto de conceitos sempre se mostra impossível e pedagogicamente estéril. O professor que envereda por esse caminho costuma não conseguir senão uma assimilação vazia de palavras um verbalismo puro e simples que estimula e imita a existência dos respectivos conceitos na criança, mas, na prática, esconde o vazio. Em tais casos, a criança não assimila o conceito, mas a palavra, capta mais de memória que de pensamento e sente – se impotente diante de qualquer tentativa de emprego consciente do conhecimento assimilado. No fundo, esse método de ensino de conceitos e a falha principal do rejeitado método puramente escolástico de ensino, que substitui a apreensão de verbais mortos e vazios.

Com relação as alterações de conduta e de personalidade de crianças com autismo, distintos autores entre os 50 anos e 60 anos atribuíram maior relevância a síndrome, no que se refere a possuírem uma anomalia de compreensão linguística Rutter (1979) alterações relacionadas ao déficit simbólico, além de dificuldades na imitação e na integração sensório - motora.

Esta questão implica o repensar e o reorganizar a questão da educação do aluno com autismo, pois, nos métodos baseados na concepção behaviorista, em que o condicionamento operante e evidenciado, ocorre o ensino direto de conceitos que na verdade, não são por eles assimilados e, sim, quando muito memorizados de forma mecânica e sem consciência, produzindo ações automatizadas; havendo verbalização, por vezes, ela será vazia de significados, de sentidos.

Logo, o processo de aprendizagem de alunos com autismo carece de ser orientado pela perspectiva do desenvolvimento da linguagem, rompendo e transcendendo o ensino mecanizado de hábitos e a concepção reducionista acerca do desenvolvimento de aprendizagem deste aluno. Quando falamos de aprendizagem, entendemos estarem implícitas todas as formas de conhecimento, não nos limitando tão somente aos conhecimentos acadêmicos, mas a conhecimentos do cotidiano, abrangendo, inclusive, as ações de afeto e sentimento e valor. Sob esta ótica, tal como nos diz Vygotsky (2000) de maneira brilhante a consciência se reflete na palavra como o sol em uma gota de água. A palavra está para a consciência como o pequeno mundo está para o grande mundo, como a célula viva está para o organismo, como o átomo para o consumo. Ela e o pequeno mundo da consciência. A palavra consciente e o microcosmo da consciência humana.

As proposições de Vygotsky acerca da pessoa com necessidades especiais e seu desenvolvimento são significativas com relação à determinação da maneira como essa condição (“ser deficiente”) deve ser compreendida e trabalhada no contexto da educação, conferindo – lhe o direito a seu papel ativo na construção de seu desenvolvimento, a partir de sua capacidade individual de apropriar internalizar formas sociais de comportamento como sujeito histórico. Somente assim, tal pessoa passa a ser percebida e compreendida como individuo possuidora de diferentes capacidades e potencialidades em emergência, as quais devem ser encorajadas para que se transformem no alicerce do desenvolvimento das funções superiores (ORRÚ, 2012, p. 102 a 104).

Ainda, sobre o desenvolvimento da linguagem e seu passar do plano interior para o plano exterior, Vigotsky (2000: 425) explica que “a linguagem interior é uma linguagem para si” (ORRÚ, 2012, P.127). A convivência dos alunos autistas entre si e com os demais alunos da escola resultou em descobertas de sentimentos e desejos, até então não percebidas pela característica da tendência ao isolamento, próprias da síndrome, segundo e encontrado na leitura. O ser humano precisa do outro, da palavra do outro, das relações com o outro, das expressões do outro, da meditação do outro para desenvolver suas mais diversas formas da expressão significantes em si, para si, para si e para o outro, próprias do ser humano. No início do processo, a CSA tinha uma presença importante como função simbólica, mas, com o tempo, dava espaço para formas de expressões semióticas tipicamente humanas.

Pessoas com este transtorno podem ter dificuldades em compreender o propósito da comunicação, raramente iniciam um diálogo com quem estão conhecendo, podem não ter ou não demonstrar compartilhar interesses com os outros, ter atraso ou dificuldade na aprendizagem da fala, fazer uso inadequado ou limitado de gestos, expressões faciais ou linguagem corporal, não utilizar contato visual ou fazê-lo de forma bem reduzida, ter um vocabulário e falar fluentemente sem que isso se transforme em comunicação eficaz, ou ainda, podem falar indiretamente para a pessoa ao invés de falar com esta. É importante lembrar que não é fácil fazer diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista e que este só poderá ser realizado por neurologistas e psiquiatras.

Na avaliação é necessário conhecer para compreender. Desse modo, o mais importante de tudo é a observação e o registro para conhecer as melhores formas de lidar com cada um. Deve-se ficar atento aos bebês e as suas interações com o meio, tentando verificar se eles mostram-se indiferentes às pessoas e objetos ou demonstram medo aparente, se tem problemas com sono e alimentação, se nunca choram ou se choram frequentemente sem motivo perceptível, se fazem movimentos repetitivos, se não participam de jogos sociais e de faz-de-conta, se demonstram estereotipias e/ou dificuldades de interagir com outras crianças e se não conseguem utilizar brinquedos de forma adequada.

O sujeito com Transtorno do Espectro Autista pode ter prejuízo total ou parcial da fala. Quando fala pode ser que essa fala venha estereotipada, monótona, com timbre, entonação e ritmos que fogem da normalidade, com frases repetidas e fora do contexto da conversa ou ainda com perguntas ao final das frases. Necessita manter rotinas, tanto de organização de objetos quanto de atividades. Mostrando resistência a mudanças.

A imaginação e a compreensão social no Espectro Autista também são variáveis, mas deficitárias. Podemos encontrar sujeitos com ausência total de imitação e de faz-de-conta, outros que fazem imitação mecânica sem a compreensão do que isto significa, outros utilizam representação repetitiva e estereotipada, reconhecem os sentimentos dos outros, no entanto num baixo nível intelectual, sem compreender as emoções.

Alguns autistas apresentam o que se chama de ilhas de habilidades, ou seja, habilidades acima do considerado normal em algumas áreas.

Ou seja, a percepção das situações é bem concreta. A inserção no faz de conta, por exemplo, pode ser bastante complexa, pois o sujeito com Asperger não tende a fantasiar, assim muitas brincadeiras que são propostas para outras crianças e que elas apreciam muito, como jogos e dramatizações, as quais criam situações que o estudante não consegue vivenciar concreta e objetivamente, para o autista não tem sentido. O que pode ser, inclusive, sofrido para este. Porém, isto não quer dizer que não se proponham situações que aos poucos vão desenvolvendo a criação da fantasia, tão importante no mundo infantil. Mas, esta inserção deve ser cuidadosa e amável para que o estudante se sinta tranquilo e confiante no ambiente escolar.

Ratifica-se a necessidade de conhecer o estudante que chega à escola e buscar uma aproximação da família para conhecer suas linguagens, suas rotinas, suas formas de convívio, enfim, conhecer suas formas de interação, para então elaborar um planejamento de ação educativa que realmente promova o seu desenvolvimento.

Para dar conta de um atendimento adequado o professor, bem como a escola, deve trabalhar com um currículo flexível em que o estudante com Transtorno do Espectro Autista possa ter promoções ao invés de acumular fracassos. Para tanto, são necessárias adaptações e acordos nas diferentes áreas. E o mais importante é que a escola acredite que pode contribuir no desenvolvimento desse sujeito. As crianças passaram a trocar abraços e beijos; a apontar para a professora com rosto expressivo quando um colega estava chorando ou gritando; a contar ao professor quando um colega havia dado um beliscão ou um tapa, dizendo ou apontando para o local dizendo que está doendo. Sorrisos foram prendidos birras também. Constantemente, demonstravam o que queriam e o que não queriam fazer nas atividades, o que vinha, muitas vezes, a desestruturar o professor em sua atuação, por causa da dificuldade em mediar o "não pode!" (ORRÚ, 2012, p. 131).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a evolução da legislação cada vez é mais comum chegarem crianças e/ou adolescentes com Transtorno do Espectro Autista nas escolas. Isto faz com que aconteça um movimento no sentido de buscar formas de melhor atendê-los no âmbito educacional, para tanto se precisa ir além e descobrir peculiaridades inerentes a este tipo de transtorno. As pessoas que não possuem o transtorno costumam nivelar as emoções, por exemplo, se estão felizes e encontram uma pessoa triste, não transparecem tanto a felicidade e se estão tristes e encontram uma pessoa feliz, procuram esconder um pouco a tristeza, o que geralmente não acontece com sujeitos com Transtorno do Espectro Autista, pois eles podem não ter esse controle das emoções. O diagnóstico precoce tem como possibilitar um tratamento e uma educação adequada, isso faz com que tenha uma qualidade de vida melhor. O autismo é tratável e a Síndrome de Asperge "é considerada por muitos como autismo de alto funcionamento. O uso atual da nomenclatura Transtorno de Espectro Autista possibilita a abrangência de distintos níveis de transtornos, algumas pesquisas apontam o nascimento de uma criança com a síndrome a cada 100 a 150 nascimentos. É comum entre meninos, nascem com distúrbio multifatorial (má formação cognitiva), comprometendo severamente a capacidade de pensamentos abstratos, imaginação e simbolização. Esta criança cria sua própria forma de se comunicar com o mundo.

Pessoas com TEA apresentam limitações nas regulações do sistema endócrino, do sistema nervoso autônomo e dos processos motivacionais como sede, fome e sexo e

ainda de memorização e de aprendizagem, por serem funções do tronco cerebral, região atingida pelo transtorno. As disfunções cerebrais vão fazer com que a pessoa com Transtorno do Espectro Autista tenha problemas de postura, comportamento estereotipado e repetitivo.

No Autismo clássico existe um déficit acentuado de desenvolvimento, já no Asperger verifica-se dificuldade de interação e de compreensão das regras sociais, porém com bom desempenho em determinadas áreas e uma memória excelente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Declaração de Salamanca Editado pela Unesco 1994. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf. Acesso em: 31 de março de 2016.

ORRÚ, Silvia Ester. Autismo Linguagem e Educação – interação Social no Cotidiano Escolar. 3 ed. Rio de Janeiro: Wark 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. "Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem." São Paulo: Ícone/EDUSP, 2008. _____. O desenvolvimento psicológico na infância (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WAJSKOP, Gisela. Creches: atividades para crianças de zero a seis Anos.

São Paulo: Moderna, 2008.